

## **VIOLÊNCIA(S) DE GÊNERO: A REPRESENTAÇÃO DA PESSOA TRANS NOS PORTAIS DE NOTÍCIAS PARAIBANOS**

Alessandra Clementino dos Santos<sup>1</sup>; José Pedro da Silva Júnior<sup>2</sup>; Maryanne Marques Paulino de Sousa<sup>3</sup>; Ada Kesa Guedes Bezerra<sup>4</sup>  
(Universidade Estadual da Paraíba - UEPB)

Das ruas às mesas de seminários acadêmicos, os debates sobre a condição da mulher e da pessoa trans na sociedade ganharam novos atores sociais e mais espaço, inclusive na mídia. Isso já agregando a noção da teoria *Queer*, que surge nos Estados Unidos, também através do movimento feminista, ao reivindicar mudanças na legislação, a fim de romper com o padrão de “normalidade” existente na época, o que fez com o que as pesquisas sobre gênero também se voltassem para outros sujeitos sociais oprimidos além da mulher, como homossexuais, transgêneros, transexuais e travestis. (LOURO, 1999). Apesar dos avanços no que se refere à luta por direitos, pela atenção das diferentes esferas da sociedade, bem como pelo espaço na agenda midiática, ainda vivemos uma realidade longe da ideal de igualdade.

O Brasil é o país onde mais se mata travestis e transexuais no mundo, apenas no ano de 2017 foram contabilizadas 179 mortes<sup>5</sup>. Em 94% dos casos, os assassinatos foram contra pessoas do gênero feminino. Não apenas isso, o Nordeste é a região brasileira que concentra o maior número de mortes de trans, um total de 69. Diante disso, a visibilidade da temática na mídia se faz relevante, pois conforme agendamento e enquadramento dados aos conteúdos pelos meios de comunicação é possível contribuir para combater estes índices, mas também negligenciar ou mesmo reforçar seu aumento. Não se trata de buscar estabelecer uma relação simplista entre os altos índices de violência e o que é divulgado dentro do jornalismo, mas sim de apreender elementos discursivos que podem causar atribuições de sentidos de modo a promover a desigualdade entre os gêneros, desqualificando ou desconstruindo a representação social dos sujeitos. Segundo Breton e Proulx (2006, p.150), “a influência da mídia é sutil e pode ser exercida de várias maneiras, diretas ou indiretas, valorizando certos modelos ou papéis sociais, insistindo em certos estereótipos, sugerindo comportamentos socialmente aprovados etc.”

---

<sup>1</sup> Participante do projeto. Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

<sup>2</sup> Participante do projeto. Graduando em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

<sup>3</sup> Participante do projeto. Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

<sup>4</sup> Orientadora do projeto. Professora do Curso de Jornalismo da UEPB.

<sup>5</sup> Os dados são do Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017.

Aqui temos como objetivo principal analisar conteúdos jornalísticos que trazem a temática da violência contra a pessoa trans em sites paraibanos de notícias, na tentativa de compreender a representação social forjada desses sujeitos. Para tanto, iremos analisar como os sites de notícias Paraíba Online, Portal da Paraíba, ClickPB, PBagora e Blog do Márcio Rangel constroem agendamentos e enquadramentos de conteúdos jornalísticos sobre violência e relações de gênero; verificar se houve adequação dos termos utilizados em relação à transgêneros, transexuais e travestis; e identificar como se efetiva a produção de sentidos, atribuídos aos sujeitos representados através desses conteúdos noticiosos.

O presente trabalho trata de um pequeno recorte do Projeto de Iniciação Científica “Jornalismo, Gênero e Violência: um estudo da percepção e representação da mulher e da pessoa *trans* em sites paraibanos de notícias” que vem sendo realizado por discentes do curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

O recorte por nós apresentado dará conta de 16 matérias referentes a 03 casos de violência contra a pessoa trans registrados durante os oito meses de levantamento do projeto (entre setembro de 2017 e abril de 2018), nos sites Paraíba Online, Jornal da Paraíba, ClickPB, PBagora e Blog do Márcio Rangel. A presente pesquisa tem caráter exploratório e descritivo, e para abordagem do material empírico, optamos pelo método da Análise de Discurso, que busca analisar a língua enquanto trabalho simbólico, na sua produção de sentido e não somente comunicando uma determinada mensagem, ou seja, o objeto da Análise de Discurso é o próprio discurso. O discurso é tratado pela AD como o espaço onde se pode perceber a “relação entre língua e ideologia” (ORLANDI, 2009, p.17), uma ação que acaba por gerar e reforçar significados constitutivos do homem e de sua história.

De fato, o trabalho do analista do discurso é perceber seu material empírico, no nosso caso, as matérias que tratam de violência contra a pessoa trans, enquanto um discurso, gerado através de uma construção sócio-histórica e subjetiva. Orlandi (2009, p.19) afirma ainda que o discurso possui duas características relevantes: primeiro, ele ultrapassa o esquema primário da comunicação – emissor, receptor, código e mensagem - e sua linearidade imediata, se constituindo enquanto “processos de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade etc.” e; segundo, é necessário considerar as condições de produção (o lugar historicamente delegado aos sujeitos reportados na mensagem e a forma como a sociedade incorpora esses lugares) e as circunstâncias da enunciação (o contexto, o cenário imediato, no caso, o conteúdo noticioso apreendido como jornalismo enquanto campo detentor da verdade).

Os resultados revelam desinformação por parte dos jornalistas quanto às terminologias adequadas para se referir a pessoa trans, trocando do feminino para o masculino no meio da frase “Uma pessoa foi assassinado”; além da utilização do estilo de vida do sujeito trans: “Travesti é morta por cliente após programa no Centro de João Pessoa” e do suspeito como forma de amenizar o crime: “Sou casado, pai de quatro filhos. Bem casado há 17 anos”. Também há uso constante dos termos “travesti” e “transexual” para se referir a pessoa assassinada, reduzindo-a ao sua identidade de gênero. As matérias ainda revelam a falta de aprofundamento nos casos e, conseqüentemente, no debate sobre questões de gênero, estereótipos e preconceitos. Algumas se resumem a poucas linhas, contendo as respostas para as perguntas básicas: o que, quem, quando, como, onde e por que.

Além das questões citadas que remetem especificamente a inadequação da abordagem jornalística quanto ao tratamento dado à pessoa trans nas narrativas factuais, o que revela o desconhecimento de manuais específicos criados para os profissionais da imprensa, vale ressaltar a falha de práticas básicas do jornalismo como falta de apuração da notícia de forma apropriada; critérios de noticiabilidade; e falta de acompanhamento dos desdobramentos dos fatos. Ficou evidente a repetição de conteúdos ou apenas a reescrita de textos sem que nada fosse acrescentado em termos de informação.

Ou seja, não se trata apenas de lacunas na conduta desses veículos no tocante ao tipo de matéria ora objeto de observação, mas sim na própria atuação diária desses meios, o que reforça a necessidade de vigilância e crítica tal qual se faz aqui no intuito de elevar os padrões da forma de se fazer notícias.

Apesar dos esforços em prol da igualdade de gênero, ainda é comum a produção de conteúdos noticiosos sem o tratamento e abordagem apropriados. O descaso e a falta de tratamento e abordagens adequadas e profundas sobre o tema, além da busca por justificar os fatos mencionando estilo de vida da pessoa ou mesmo usar terminologias para se referir aos sujeitos de forma inadequada pode forjar um desequilíbrio nas relações de gênero e não condiz com a ética inerente ao exercício do jornalismo, ficando distantes, também, do que regem os manuais sobre gênero.

Por isso torna-se importante debater a temática não apenas no meio acadêmico, como também dentro das próprias redações. Partimos da ideia de Breton e Proulx (2006) de que, na contemporaneidade, o jornalismo ocupa um papel importante na esfera pública que vai além da emissão de conteúdos, atuando também na construção social da realidade. E, se a mídia exerce influência sobre as pessoas, pode tanto

valorizar e reforçar papéis sociais e estereótipos, como também pode colaborar para a erradicação dos mesmos e da violência contra a pessoa trans. Portanto, pensar a atividade jornalística pressupõe considerar a responsabilidade e o papel desta prática na construção social da realidade.

**Palavras-Chave:** Jornalismo Online, Violência, Questões de Gênero, Pessoa Trans.

### **Referências Bibliográficas**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS, TRAVESTIS E TRANSEXUAIS. **Manual de Comunicação LGBT**. Ferdinando Martins, Lilian Romão, Liandro Lindner, Toni Reis. (Org.) [Curitiba]: Ajir Artes Gráficas e Editora, 2010.

AZEVEDO, Sandra Raquew dos Santos. **Mulheres em Pauta – Gênero e violência na agenda midiática**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Pierre Bourdieu; tradução Maria Helena Kühner. - 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BRETON, Philippe; PROULX, Serge. **Sociologia da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 2006.

CARVALHO, Carlos Alberto de; LEAL, Bruno Souza. **Jornalismo e Homofobia No Brasil - Mapeamento e Reflexões**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FRANÇA, Fabiane Freire; SASSO, Andrea Geraldi; SANTOS, Paula Vidal dos; SANTOS, Renata; GLOOR, Viviane Cristina Ferreira. **Educação e Gênero: Relatos de experiências sobre pesquisa de Iniciação Científica**. Disponível em: <[http://www.fecilcam.br/anais/v\\_enieduc/data/uploads/ped/trabscompletos/ped04509337922.pdf](http://www.fecilcam.br/anais/v_enieduc/data/uploads/ped/trabscompletos/ped04509337922.pdf)>. Acesso em 02 de novembro de 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8ª ed. Campinas: Pontes, 2009.

### **Sites Analisados**

[www.blogdomarciorangel.com.br](http://www.blogdomarciorangel.com.br)

[www.clickpb.com.br](http://www.clickpb.com.br)

[www.jornaldaparaiba.com.br](http://www.jornaldaparaiba.com.br)

[www.paraibaonline.com.br](http://www.paraibaonline.com.br)

[www.pbagora.com.br](http://www.pbagora.com.br)